

Indústria vai subir preços em janeiro para compensar a escalada do dólar

GLAUCIA CAVALANTI, LETÍCIA LOPES E THAIS BARCELLOS

PESO NO BOLSO

INDÚSTRIA JÁ PREVÊ REAJUSTES

Com dólar alto, setor deve elevar preços a partir de janeiro, com impacto na inflação

MOEDA AMERICANA ACUMULA ALTA DE MAIS DE 24%

Comportamento da divisa pressiona preços e afeta inflação



Fonte: IBGE

ESTRELA DE ARTE

Com a escalada do dólar — a moeda americana sobe 24,3% no ano e fechou ontem a R\$ 6,03 — a indústria já prepara repasse de preços a partir de janeiro. Em alguns segmentos, as empresas atuam para acomodar o impacto com base em estoques e contratos fechados com a divisa em patamares inferiores ao atual. O aumento da taxa de juros e a incerteza no cenário fiscal influenciam nas previsões para 2025.

Como boa parte dos produtos de fim de ano já está nas lojas, não deve haver alta imediata afetando as compras de Natal, avalia Adriano Valladão, economista do Santander. Ele avalia que a escalada do dólar deve impactar a inflação já no próximo trimestre.

Essa última andata do câmbio provavelmente não vai impactar muito este ano, mas contraria pressão maior para o ano que vem. A gente deve começar a ver repasse maior desse câmbio mais depreciado ao longo do próximo trimestre, principalmente em bens industrializados e alimentos exportados pelo país, como as carnes — diz ele.

A Mondial, por exemplo, sente o impacto do dólar alto não só nos eletrodomésticos importados — como escovas secadoras, sanduicheiras e panelas elétricas —, mas também nas matérias-primas dos aparelhos fabricados no país. Insumos de ventiladores, air-fryers, cafeteiras e liquidificadores têm preços afetados pelo câmbio, como o plástico que reveste produtos. Em alguns casos, os materiais somam 60% do custo de fabricação.

Cofundador da companhia, Giovanni M. Cardoso diz que foi preciso reajustar produtos nacionais de 4% a 6% e importados em até 12% este ano por causa da alta no preço da logística internacional. Ele diz que é preciso "acompanhar os próximos cenários", mas, se o dólar se mantiver no patamar de R\$ 6, outro aumento de preços ao varejo "é inevitável".

— Não dá para driblar (o dólar), tem que enfrentar. Estamos agora aguardando um pouco para ver onde vai pousar. Se o dólar a R\$ 6 continuar na última semana de dezembro, começamos janeiro com nova tabela no mercado. Não tem como segurar mais.

Com metade dos insumos dolarizados, a indústria de fraldas descartáveis CCM, dona das marcas Comfort, Wellness e Hippo, sentiu a alta do dólar. No fim do primeiro semestre, quando a divisa alcançou R\$ 5,30, fez o primeiro repasse de custos ao varejo, de 5%.

Em novembro, quando o câmbio foi a R\$ 5,80, os preços foram corrigidos em 3%. Para janeiro, com a possibilidade de dólar se manter em R\$ 6, prevê aumento na casa de 6%. — Não temos levantamento mostrando revisão em investimentos porque são decisões de ao menos médio prazo. Mas a indústria vem crescendo, e a inflação do setor cresce bem abaixo da geral — pondera Mario Sérgio Telles, superintendente de Economia da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

ALTA DE CUSTO IMENSA

Telles diz que o dólar alto tem dois efeitos. Um é negativo em razão do percentual de insumos importados, acima de 25% na indústria de transformação. O outro é positivo por impulsionar a competitividade da indústria na concorrência com importados no mercado local e nas exportações.



Pressão CCM, de frutas, está entre as empresas que precisaram repassar custos

A expansão das vendas internacionais será uma das vias usadas pela CCM para se proteger das variações cambiais em 2025, conta o CEO Rodrigo Zerbini. A empresa tem clientes em Argentina, Uruguai e Paraguai, e contratos previstos na Bolívia e na Colômbia. — É muito difícil. A gente

precisa de força de venda, não pode repassar, mas a alta de custo é imensa. Rafael Cagnin, economista do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), diz que mesmo com ganhos em competitividade no setor, o dólar vai pesar. — A desvalorização cambial

vem acompanhada de alta volatilidade e aumento da incerteza, nublando o cenário macro. Isso traz tensão, freando decisões de produção e investimento. E a alta de juros vai piorar condições de financiamento — frisa. — O repasse de preços virá em algum momento ao longo do ano.

FAZENDA APOSTA NO PACOTE

No Ministério da Fazenda, a expectativa é que haja algum alívio na cotação do dólar com o avanço do pacote de contenção de gastos no Congresso. Aliados do ministro Fernando Haddad avaliam que as medidas retiram incerteza sobre a sustentabilidade das regras fiscais e tendem a reduzir a percepção de risco da economia. O gatilho para a escalada mais recente do dólar, porém, foi a frustração com o pacote.

O Grupo Supley, que tem no portfólio as marcas de suplementos Max Titanium e

Probiótica, além de Mr. Peanut, de pasta de amendoim, acompanha o dólar de perto. É que 80% do faturamento no setor de nutrição esportiva, principalmente Whey Protein e creatina, são dolarizados, explica Alberto Morretto, presidente da empresa.

— Usamos estoques para amortecer o alta e não repassar preços logo de cara. O Whey Protein se comporta como commodity. Os relatórios globais apontam estoques caindo. Toda vez que houve isso veio aumento em dólar. E, se o dólar seguir nesse patamar, pode ter repasse no primeiro semestre. Mas se a produção subir, a perspectiva melhora.

O preço dos produtos da Supley ao consumidor caiu antes de 2023. Isso porque, diz Morretto, houve escalada na produção no pós-pandemia, devido à escassez de Whey e creatina no mercado. Este ano, os vendedores voltaram a níveis normais, daí a redução.

Alex Buchheim, CEO da Limpipano, de produtos de limpeza, reforça que é preciso pensar o custo do câmbio atrelado a outros.

— O dólar subiu, mas houve preços que recuaram, a exemplo de commodities como petróleo e celulose. Temos ciclo de investimento grande, planejado com dólar a R\$ 5. Nesse momento de transição, tem que deixar a árvore parar de chacoalhar para ver o que fazer. De início, não pode ajustar.

A Limpipano vai fechar o ano com expansão de 12% sobre 2023, desempenho que poderia ter sido ainda melhor, diz o executivo, porque houve impacto de juros, dólar e das enchentes no Sul.

O economista sênior da Confederação Nacional do Comércio (CNC), Felipe Tavares, diz que já haverá efeito em itens da cesta de Natal, sobretudo importados, como bacalhau, vinho, frutas e o azeite. Este último acumula alta de 50% nos últimos 12 meses, segundo o IBGE. Roupa eletrônica também deve subir.

— A variação do dólar, num patamar muito elevado, torna difícil para as redes de supermercado segurar o preço. Isso vai ser repassado para o consumidor. E vai se refletir na inflação.

Para o coordenador do Índice de Preços do FGV Ibré, André Braz, o dólar não deve ficar em patamar alto a longo prazo, sob risco de mudar previsões de inflação de 2025. Mas avalia que é preciso que o governo explique como se comprometerá com a política fiscal. — As desvalorizações (do real) provocaram aceleração dos preços, e se o dólar se mantiver nesse patamar por mais tempo, isso pode se agravar.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia Pagina: 14